

REESCREVENDO AS PRÓPRIAS ENTRANHAS

FARIA, Helenice Joviano Roque.(org) **Rasuras Negras**. Peruíbe: Laseco, 2020.

Luiz Renato de Souza Pinto¹

A mulher é a fonte do sagrado sempre venerada e respeitada como aquela que transmite a vida porque é ela que ouve a mensagem dos deuses e, pelos seus dons de vidência e de magia, pode interpretá-la.

(Nilma Lino Gomes, 2008, p. 301-302)

Essa ideia de rasura me lembra a necessidade de um palimpsesto, mas não de putas, e sim de negros e negras contando sua história. O lugar é antes de tudo dentro, é de pertencimento. Isabela Figueiredo em seu “Caderno de memórias coloniais” escreve que “A minha memória tem um caráter fragmentado, muito sensível aos eventos do cotidiano. Há sempre alguma história que me vem à cabeça e que lamento não ter incluído na narrativa” (2018, p. 177). Isabela é branca, mora em Portugal, mas fala de uma Maputo que lhe vem sempre à lembrança; é africana, mas não preta. Isabela tem o que contar, tem memórias. Conhece o ser colonial, antes de ser metropolitana. O palimpsesto se faz necessário; é passar a história a limpo uma vez e outras mais, quantas forem necessárias.

Eu ranjo os dentes não porque nasci uma rangedora de dentes, mas sim porque fui transformada em uma. Fui transformada em uma rangedora de dentes por causa da raiva que sinto em trabalhar numa instituição branca, que produz a dor como um efeito negativo, em termos afetivos e materiais, do racismo e do heteropatriarcado. A dor de ranger os dentes com tanta força a ponto de a mandíbula doer, a dor de ser silenciada pessoal, política e epistemologicamente, a dor da solidão por estar absolutamente sozinha na convicção de que a injustiça ocorreu, a dor que emerge por meio do medo do ostracismo e da sua ocorrência real. (TATE, 2019, p. 187).

“No fundo os olhos nem doem”

Doem mesmo não, eles doem na superfície, vazam, copiosamente, lágrimas de papel, de cera, de solidão e solidez. “Rasuras Negras” é uma coletânea de sete mulheres poetas, extravaso linguístico em forma de versos. Uma poesia feito fogo que aquece a alma e lança um pouco de lava nessa calmaria. Corpos cativos que buscam a libertação. O corpo liberto é o mesmo que o poema livre das rasuras, para que fique tatuado na pele que o naturaliza:

² Professor Dr. IFMT – Cuiabá. Poeta e Escritor.

o modo como o corpo negro foi discursivizado nas tramas de um sistema escravista, o modo como seu corpo produzia sentido e, principalmente, como manifestava uma estética no batimento entre os modelos de beleza africanos e os modelos de beleza europeus” (BRAGA, 2015, p. 19-20).

O cheiro de queimado venta em minha direção. É um corpo negro que queima, é o fogo que

defuma meu corpo
com a fumaça do desejo
benze as minhas feridas
com a sua saliva
(...)
vai me enfeitando
protegendo
curando.
(SOUZA, 2020, p. 11).

Com essa gradação Luana Soares de Souza abre a antologia, prefaciada por Cristiane Sobral, organizada por Helenice Faria. Time que faz, não que faria. Que faz tremer o verso, estampar em cada folha uma identidade; que tem alma; que tem cor. Preto no branco, como a capa da edição demonstra e bem. A *benzeção* do poema incorre no imperativo linguístico que empodera: “faz do meu ventre confessionário / penetra o seu silêncio mais profundo / (...) lambe as minhas incertezas / sussurra ecos surdos (...) / aquilomba as suas chagas (...) / gera força vital (...) desacorrenta seu sofrimento”. (SOUZA, 2020, p. 12). O livro é um projeto, cada uma das autoras apresenta outra e assim sucessivamente. Há um roteiro, um percurso da palavra que percorre seu itinerário em que eu, sigo, persigo as notas impregnadas de linguagem. E que suga, transpira.

Sigo a rota desenhada
No meu mapa indecifrável
Amanhã quem sabe eu chegue
Naquela ilha no horizonte,
Ou quem sabe a luz do farol
Me afaste para bem longe.
(MARCELINO, 2020, p. 28).

Neta etapa da viagem o roteiro é de Betsemens Barbosa de Souza Marcelino. Dessa rota vem o mapa, vem a ilha, no horizonte o farol. Lá longe a palavra espera pelo próximo verso, sua casa, sua estrofe tardia com rimas ausentes. Solitário poema. O ranger dos dentes é que conta, que fala mais alto.

Quem conta comigo
(...)
Atende os sussurros
(...)
Mastiga e degusta cada sentido.
(...)
Cheiro exalado pelos sábios lábios.
(...)
É cômico da pele,
Rejeita olhares
(FARIA, 2020, p. 59).

Helenice Joviano Roque de Faria organiza seus versos, o livro, bagunça o coreto patriarcal com sua pena/espada afiada. A linguagem cortante vai sangrando na veia aberta todos os excessos de outros lugares de fala, de falo. “O negro não vive um sentimento de inferioridade, mas de inexistência” (GOMES, 2008, p. 148). A garganta engole a seco o pedido de um bom café. Mas que seja preto.

Acordo
para um café
sento com o livro
e a xícara
a fumaça
perturba-me
(FERREIRA, 2020, p. 74).

Jacinaila Louriana Ferreira estanca no coador letrado cada gota de palavra na quentura desse pó preto e gostoso que me encarde a garganta, o palato quente. A asa da xícara se prepara para receber meus dedos e os nós, enquanto a fumaça se liberta do café. Um verbo se faz presente. E também tem cor, “a ideologia da cor é, na realidade, a superfície de algo mais profundo e complexo, a ideologia do corpo”. (GOMES, 2008, p. 150).

Verbo voz
Voz preta.... voz de cor.
(...)
Vozes negras
Aquilombai-vos!
(MIRANDA, 2020, p. 95).

É de Claudia Miranda Franco que pulsa essa voz. Ela é quem proclama que “tudo está sem forma e vazio”. A voz enquanto parte do corpo. O corpo negro. “Lirismo à parte, é apenas nos anos 1980 que o termo negro voltaria à tona – após ficar em suspenso durante todo o período ditatorial -, embalado pela reabertura política e pela consequente fundação, em 1979, do Movimento Negro Unificado, (BRAGA, 2015, p. 202).

Pareço ouvir desse eu-lírico a voz que entoa: “Nesse lugar é proibido dizer não” (MIRANDA, 2020, p. 108). E seu eu-lírico sai à francesa, vestido de vermelho flanela nesse nosso calorão.

Vão te contar um segredo.
Uma coisa que não pode ser falada
Vão encobrir
Dificultar e vender
Vender tão caro esse segredo
Um segredo...
(FERREIRA, 2020, p. 128).

Um segredo de Maria Fernanda Ferreira. Cuidado! As estrofes têm ouvidos. E a noite com suas sombras de gala perseguem os incautos da sabedoria. Os imperadores da língua, os governantes do verbo, os representantes da Corte que, sob júdice, entoam vernáculos de quinta categoria desprovidos totalmente de mistério. E a noite, com o tempo fechado anuncia seus poréns. Faz-se necessário lembrar (ainda) que

Acadêmicas negras que persistem na tentativa de rearticular um ponto de vista de mulheres negras também se deparam com a potencial rejeição, em termos epistemológicos, daquilo que afirmam ser o conhecimento. Assim como as realidades materiais dos grupos também podem dispor de distintas epistemologias ou teorias do conhecimento. (COLLINS, 2019, p. 145).

“Rasuras negras” não são manchas desgastadas de linguagens, nem avatares de um novo tempo. Deixam de ser rasuras; são palimpsestos, reescrituras, conhecimento de seus corpos, dos corpos de texto, de uma semântica própria tatuada em camadas de melanina. São recortes espelhados de verdade, encrespados de lisura. Aqui a química é de outra ordem. Da ordem do desejo, da vitória, de uma luta pela qual a palavra se dissolve e engrossa o caldo. Filhas da lua com as quais me irmano, pois também, pois

sou o milagre do sol
A resiliência dos anjos
Inadiável paz
(...)
Tomo um café ouço boa música
Aprendo a falar com sabedoria
(...)
Uma menina imaginativa
(...)
Bem me quer mal me quer.
(SANTOS, 2020, p. 143).

Palavras de Marlene Santos da Silva. Com essa obra se passa a limpo um pouco da poesia escrita por mulheres em Mato Grosso. Bem me quer. Para que não haja mais rasura em qualquer certidão de nascimento. Mal me quer. Para que o borrão não seja sinônimo de preto; para que o asfalto receba outras cores. Bem me quer. Para que a sombra seja elevada a mais alta potência. Que o arco-íris vença a monocromática idiotice contemporânea.

Que a poesia seja essa “benzeção” eterna, Luana, querida; que os “instantes”, de Jacinaila possam ser lidos de outra forma, quero inverter seus tercetos à minha maneira, e peço licença:

corpo são e a mente a maquinar
para os anos que me restam
como trapacear o tempo

uma nova forma para o mundo
o que fazer com essa encardida
fazer voltar minutos desatentos

resquícios de esperanças
fita de medir vida vivida
que meus instantes dissiparam.
(FERREIRA, 2020, p. 77).

Na “Moenda” de Cláudia, no “Espelho Moderno” de Maria Fernanda, no “Criado-mudo” de Marlene; que não haja mais mucama, nem ajudante de ordens. Que as cotas sejam preenchidas pelo que se desprende do caráter. O resto, que passe em branco, feito tábula rasa, ignorada, Luana, na correnteza da linguagem.

Referências

BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil**. Discursos, corpos e práticas. São Carlos, SP: EdUFSCAR, 2015.

COLLINS, Patrícia Hill. Epistemologia feminista negra. In: BERNARDINO-costa, Joaze; MALDONADO TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento diaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FARIA, Helenice. (org.) **Rasuras Negras**. Peruíbe, SP: Laseco Editorial, 2020.

FARIA, Helenice Joviano Roque de. Parturição. In: **Rasuras Negras**. Peruíbe, SP: Laseco Editorial, 2020.

FERREIRA, Jacinaila Louriana. Sobre nós e vãos. In: **Rasuras Negras**. Peruíbe, SP: Laseco Editorial, 2020.

FERREIRA, Jacinaila Louriana. Instantes. In: **Rasuras Negras**. Peruíbe, SP: Laseco Editorial, 2020.

FERREIRA, Maria Fernanda. Vou te contar um segredo. In: **Rasuras Negras**. Peruíbe, SP: Laseco Editorial, 2020.

FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de memórias coloniais**. São Paulo: Todavia, 2018.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARCELINO, Betsemens B. de Souza. Eu-Oceano. In: **Rasuras Negras**. Peruíbe, SP: Laseco Editorial, 2020.

MIRANDA, Claudia. Versos Urgentes. In: **Rasuras Negras**. Peruíbe, SP: Laseco Editorial, 2020.

MIRANDA, Claudia. Quem manda!. In: **Rasuras Negras**. Peruíbe, SP: Laseco Editorial, 2020.

SILVA, Marlene dos Santos. Frágil. In: **Rasuras Negras**. Peruíbe, SP: Laseco Editorial, 2020.

SOUZA, Luana Soares de. Benzeção. In: **Rasuras Negras**. Peruíbe, SP: Laseco Editorial, 2020.

TATE, Shirley Anne. Descolonizando a raiva: a teoria feminista negra e a prática nas universidades do Reino Unido. In: In: BERNARDINO-costa, Joaze; MALDONADO TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento diaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.